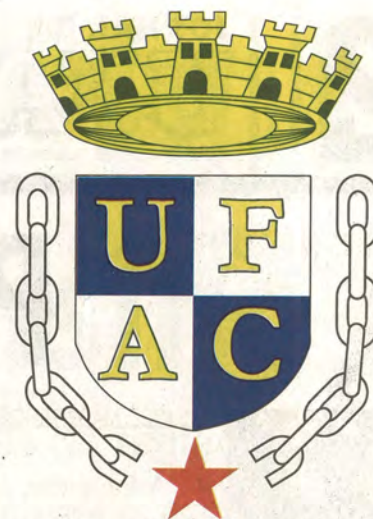
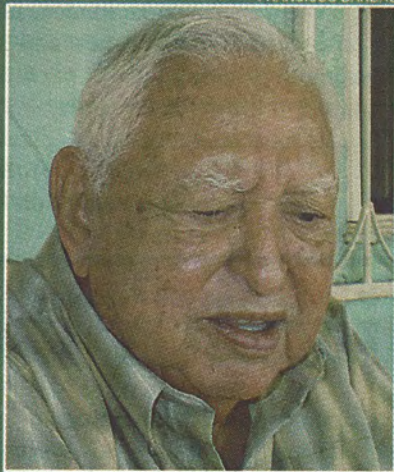




ENTREVISTA

FRANCISCO DANDÃO



Memórias de um feiticeiro do esporte acreano

PÁGINAS 6 E 7

TECNOLOGIA

JESSICA RAMOS



Laboratório da Ufac analisa água e alimentos

PÁGINA 8

GRADUAÇÃO

ROSSILENE MUJIZ



Professores indígenas em Cruzeiro do Sul

PÁGINA 4



Bloco principal da Universidade da Floresta, inaugurado em outubro de 2007, na cidade de Cruzeiro do Sul

PROJETO REUNI

Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Extensão das Universidades Federais - Reuni -, instituído pelo Governo Federal, tem como meta global uma aspiração ambiciosa: "a elevação gradual da taxa de conclusão média dos cursos de graduação presenciais para noventa por cento e da relação de alunos de graduação em cursos presenciais por professor para dezoito, ao final de cinco anos, a contar do início de cada plano".

PÁGINA 3



Parque Zoobotânico

Uma centena de hectares de vegetação preservada destinados à pesquisa e aos estudos ambientais

PÁGINA 5

Pedagogia do lucro



* JOSÉ MASTRANGELO

• A Educação, carregada de Pedagogia do lucro, é amplamente aplicada nas instituições de ensino, trazendo consequências desastrosas e nefastas para

a sociedade, que se quer democraticamente sustentável e profundamente enraizada nos princípios invioláveis dos direitos humanos consolidados ao longo da história.

A Pedagogia do lucro leva em conta não somente a perspectiva operativa do ser humano. Preocupa-se com a sua capacitação, para que lhe renda dividendos rentáveis. Proporciona conhecimentos

técnicos, para que aumente o seu poder de negociação numa sociedade cada vez mais competitiva. A sua atenção é exclusivamente voltada aos "talentos" do indivíduo que, com treinamento bem equilibrado e direcionado, obterá êxito e sucesso.

A Pedagogia do lucro é dada sob várias e diversas formas. Está embrenhada no ensino presencial, semi-presencial e à distância. É seguida em todos os níveis de ensino que, aliás, estão estruturados dentro dos princípios dessa "concepção".

Essa Pedagogia é seletiva. Não é para todos. Destina-se a alguns indivíduos, eleitos tipos ideais da sociedade. Nesse sentido, ela é discriminatória, ao não levar em conta a diversidade incontestável dos seres humanos.

A formação de "estrelas" nas diversas áreas do circuito humano dá Ibope a um país. Para as classes mais pobres é a saída do buraco negro da indigência e da mendicância. Para os donos da cocada representa mais lucro. "Eu sou brasileiro com muito orgulho", que os atletas do PAN a toda hora gritaram entre lágrimas e sorrisos e com a maior sinceridade, expressa o poder persuasivo da Pedagogia do lucro.

A sociedade não pode ficar omissa diante da invasão de uma educação carregada de Pedagogia do lucro, sob pena de perder a sua essência de ser, que é cuidar de todos, dando o mesmo tratamento a todos. É verdade, há de definir a priori o caminho a seguir, que possa ser com-

patível e percorrido por todos. Não pode cair na armadilha da competência, que elege uns poucos "privilegiados" e descarta a maioria. Estaríamos a caminho do preconceito social, que em absoluto não deve guiar os nossos passos.

"Navegar é preciso", nos ensina o poeta. Entretanto, todos devem estar preparados para enfrentar os percalços da aventura humana. Apostar na Pedagogia do lucro é reduzir o ser humano a desenvolver parte de suas capacidades, jogando-o na incerteza de um mercado cruel e desumano. A felicidade é para todos alcançarem o limite da chegada.

* Filósofo, teólogo e professor aposentado da Ufac.

O papel da Pró-Reitoria de Administração da Ufac



* FRANCISCO ANTÔNIO
SARAIVA DE FARIAS

• A Pró-Reitoria de Administração (Prad) é, estatutariamente, a exemplo das demais pró-reitorias, órgão executivo auxiliar da Reitoria.

Trocando em miúdos, a Prad é a responsável pela execução das ações que envolvam recursos humanos, financeiros e materiais, destinadas a suprir as necessidades dos setores da Ufac, por meio das Diretorias de Pessoal, Material e Patrimônio e de Contabilidade e Finanças.

A Diretoria de Pessoal é responsável pela execução e pelo cumprimento das determinações superiores e da legislação vigente e pela manutenção de banco de dados funcionais (Siape) dos servidores ativos, inativos e pensionistas e ainda por todas as informações da vida funcional dos servidores docentes e técnico-administrativos no que se

refere aos direitos e deveres, pagamentos, encargos sociais e aposentadorias.

Cabe à Diretoria de Material e Patrimônio efetuar as compras de materiais de consumo e permanente, inclusive equipamentos, além de serviços com a finalidade de suprir as necessidades de todas as unidades que compõem a Ufac, manter através do Almoxarifado Central estoques regulares de materiais de consumo de uso comum e manter atualizado o controle e registro dos bens patrimoniais da Instituição.

A Diretoria de Contabilidade e Finanças é responsável pela organização, coordenação, execução e controle dos recursos financeiros e pela supervisão e escrituração dos atos e fatos contábeis, prestando contas anualmente dos resultados de todas as operações contábeis-financeiras.

A Prad também estão operacionalmente vinculados o Serviço de Comunicação Administrativa (Protocolo), a Gráfica Universitária, a Gestão de Contratos e Convênios e as comissões permanentes

de Licitação e de Sindicância.

O problema mais grave atualmente enfrentado pela Prad é a drástica limitação do quadro técnico-administrativo. A Ufac tem hoje 02 (dois) cargos vagos de professor de 1º e 2º graus; 08 cargos vagos de professor do Magistério Superior e 171 cargos vagos de técnico-administrativos, sem considerar a defasagem resultante do crescimento da Universidade nos últimos trinta anos. Isso força a adoção de medidas paliativas, tais como a contratação de mão-de-obra temporária: professores substitutos e estagiários, com o fito de não agravar ainda mais o estrangulamento das atividades-fim da Academia.

A Prad interage com as demais pró-reitorias e com as unidades acadêmicas na busca de soluções para os problemas inerentes ao dia-a-dia da Academia, partindo do princípio de que todos são responsáveis pela construção da Universidade e que sua eficiência depende da competência de seus servidores, independente do

papel que possam desempenhar.

Estacionar na crítica só serve para massagear o ego dos que se autoproclamam salvadores da pátria.

A crise é sistêmica e repousa no Sistema Ifes a esperança de consecução de parte das soluções para superá-la, por meio de uma prática acadêmica que produza um ensino verdadeiramente comprometido com a qualidade; uma política de expansão que rompa definitivamente com o muro invisível que produz o perverso *apartheid* social que diariamente joga um número cada vez mais significativo de cidadãos nos bolsões de miséria que crescem assustadoramente no entorno das cidades; e uma pesquisa conseqüente e sincronizada com esse universo, que possam ser transformadas em políticas públicas nos programas de governos.

* Pró-Reitor de Administração e técnico em Assuntos Educacionais.

A pesquisa na Ufac na área de Ciências Humanas



* JOÃO CARLOS
DE CARVALHO

• Em pouco menos de vinte anos, nossa universidade se viu obrigatoriamente provocada a aceitar o desafio de igualar alguns marcadores nacionais. A

graduação, que havia sido a grande bandeira a ser levantada desde a sua fundação, começava a dar lugar a outras urgências, diante das modificações e desafios no panorama econômico e político mundial. A pesquisa, que até então se restringia a uma ou outra iniciativa, tornou-se de lá para cá o fantasma a ser encarado de frente. Mas como isso poderia ser feito, se não

tínhamos um número de mestres e doutores suficiente para dar conta das demandas e do grande potencial que nos reservava habitar a imensa planície amazônica? Houve, portanto, um investimento nesse sentido que proporcionou a qualificação de nossos professores, assim como a chegada de outros que puderam trazer sua experiência e possibilitar, por exemplo, a abertura de cursos de mestrado. Hoje, um curso de doutorado não parece estar muito longe da nossa realidade.

No entanto, o tripé ensino, pesquisa e extensão ainda parece estar distante de ser estável entre nós, muitas vezes por preconceitos e falta de projeção para os novos desafios que ainda virão à nossa universidade. Isso decorre muitas vezes não porque falte incentivo e

estímulo para a pesquisa, mas talvez porque esbarremos num olhar meio enviesado em algumas áreas que sempre produziram grandes pesquisadores no Brasil e mundo afora. Quase sempre os avaliadores (como no caso do último Pibic) que chegam até nós pertencem a áreas técnicas extremamente objetivas e desconhecem, e às vezes troçam, da abertura que a área de humanas permite, como se objetividade só fosse possível medir observando, por exemplo, uma planta crescer, depois de aplicar este ou aquele insumo.

Acredito que devamos encarar de frente os desafios que a nossa universidade na pesquisa terá pela frente, obviamente sem desdenhar da importância que cada proposta trará, por mais diferente que ela pareça ao outro. Cada pesquisador terá o compromisso de vencer décadas de inércia e procurar promover, no seu domínio, o melhor de si, voltado quase sempre para a nossa região. Independente de qualquer tendência, a área de humanas se faz e se fortalece justamente por confrontar o maior número de divergências possível. Isso ocorre porque principalmente, muitas vezes, temos a ilusão de que podemos transacionar do objeto propriamente dito para as bandeiras que nos são caras na nossa formação intelectual.

Nas chamadas áreas exatas, geralmente o intelectual não se mistura com o objeto estudado e nem sempre, nesse caso, o cientista precisa ser um intelectual. Na área de humanas isso já é meio complicado e daí decorre muitas vezes as dificuldades da orientação. O compromisso com o objeto tem de estar necessariamente voltado para algo que estimule a sua reflexão crítica em relação ao problema. Sendo assim, nenhuma pesquisa — seja na área de História, Literatura, Filosofia etc. — poderá ser plenamente realizada sem a identificação que possibilite uma interpretação subjetiva. Com isso, abre-se o campo para um confronto espetacular entre o que foi refletido até então e o que dali resultará de efetivamente novo para o que virá adiante. Como vemos, a questão da objetividade é bastante maleável, mas encontra agasalho justamente na sua capacidade de produzir pensadores plenos e capazes de defender posições que mexem com o destino da humanidade como um todo. Nesse sentido, os que permanecem são justamente aqueles que compreendem e captam o seu tempo na dinâmica dos próprios conflitos.

* Professor do Curso de Letras da Ufac — Campus de Cruzeiro do Sul

JORNAL DA
UFAC

E X P E D I E N T E

Reitor: Jonas Pereira de Souza Filho

Vice-Reitor: Olinda Batista Assmar

Assessor de Comunicação: João Petrolitano Gonçalves de Assis

Edição: Francisco de Moura Pinheiro (Dandão) - MTb/AC 085

Colaboradores: Hisaac Oliveira, Jéssica Ramos, Marcela Jansen e Richard Ferreira (estudantes de Jornalismo na Ufac).

Tiragem: 2000 exemplares

Diagramação: Rodrigo Torres MTb/AC 02/02

Email: ascom@ufac.br. Telefone: (068) 3229-1799. Site: www.ufac.br

Projeto Reuni

Governo Federal pretende elevar para 90% a taxa de conclusão média dos cursos de graduação

FRANCISCO DANDÃO

Ao longo dos anos, a educação superior brasileira tem sofrido mais críticas do que elogios. A sensação corrente é a de que o país tem sido descuidado na formação dos seus jovens, independente de qual facção política esteja dirigindo a nação. Mas, parece que se vislumbra agora uma luz no fim da escuridão, a julgar pelo Decreto de instituição de um programa denominado Reuni, assinado pelo Presidente da República, em abril deste ano.

O Reuni, sigla para designar o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Extensão das Universidades Federais, tem como meta global uma aspiração, pode-se dizer, ambiciosa: “a elevação gradual da taxa de conclusão média dos cursos de graduação presenciais para noventa por cento e da relação de alunos de graduação em cursos presenciais por professor para dezoito, ao final de cinco anos, a contar do início de cada plano”.

É importante ressaltar, de acordo com documento emanado do Ministério da Educação, que o Reuni não preconiza a adoção de um modelo único para a graduação das universidades federais que aderirem ao programa, “já que ele assume, como pressuposto, tanto a necessidade de se respeitar a autonomia universitária, quanto a diversidade das instituições”. A idéia é agregar esforços e reforçar iniciativas de melhoria da qualidade do ensino.



Com a adesão ao Reuni a Universidade Federal do Acre deverá receber recursos para melhorar sua infra-estrutura

“Ao lado da ampliação do acesso, com o melhor aproveitamento da estrutura física e do aumento do qualificado contingente de recursos humanos nas universidades federais, está também a preocupação de garantir a qualidade da graduação pública. Ela é fundamental para que os diferentes percursos acadêmicos oferecidos possam levar à formação de pessoas aptas a enfrentar os desafios do mundo contemporâneo”, explica o documento ministerial.

Cada universidade que resolver aderir ao Reuni somente poderá participar como executora de apenas uma proposta. Esta deverá ser apresentada à Secretaria de Educação Superior (SESu/MEC) em formulário eletrônico disponibilizado para este fim, encaminhado pela reitoria da Instituição, após aprovação nos respectivos conselhos superiores. Na proposta já deverão ser indicadas as instâncias responsáveis pela execução da mesma.

O prazo para as universidades manifestarem o interesse em participar do Reuni encerra-se no próximo dia 29 de outubro, sendo que as propostas aprovadas para serem iniciadas em 2008 serão divulgadas no dia 07 de dezembro deste ano. A instituição que optar por não enviar propostas em 2007 poderá fazer isso nos próximos anos, sem nenhum problema, em calendário que será posteriormente divulgado pelo Ministério da Educação.

Diretrizes do Reuni

O Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Extensão das Universidades Federais – Reuni – tem as seguintes diretrizes:

1. Redução das taxas de evasão, ocupação de vagas ociosas e aumento de vagas de ingresso, especialmente no período noturno;

2. Ampliação da mobilidade estudantil, com a implantação de regimes curriculares e sistemas de títulos que possibilitem a construção de itinerários formativos, mediante o aproveitamento de créditos e a circulação de estudantes entre instituições, cursos e programas de educação superior;

3. Revisão da estrutura acadêmica, com reorganização dos cursos de graduação e atualização de metodologias de ensino-aprendizagem, buscando a constante elevação da qualidade;

4. Diversificação das modalidades de graduação, preferencialmente não voltados à profissionalização precoce e especializada;

5. Ampliação de políticas de inclusão e assistência estudantil;

6. Articulação da graduação com a pós-graduação e da educação superior com a educação básica.

Reitor diz que metas são possíveis

Embora algumas das metas propostas pelo Reuni estejam sendo consideradas impossíveis de serem alcançadas, o reitor Jonas Filho afirma que o programa surge em boa hora. Sobre o aumento do índice de concluintes para 90%, por exemplo, o reitor da Ufac diz ser perfeitamente possível, “desde que se crie a infra-estrutura necessária e sejam tomados os cuidados pertinentes”.

Sobre a meta de estabelecer a proporção de 18 alunos por professor, Jonas Filho diz que também é possível, desde que a grade curricular da Ufac seja adequada para corrigir algumas distorções. “Existem hoje, na instituição, professores que dão aulas para cinco

alunos e outros que dão aulas para cinquenta. Isso precisa ser mudado. No momento, trabalhamos num diagnóstico para verificar se o número de professores que a Ufac dispõe é suficiente para avançarmos na meta proposta pelo Reuni”, afirma o reitor.

“É preciso que se leve em conta que o Reuni não vai simplesmente exigir que se cumpram metas sem dar condições para tal. A partir da proposta que cada universidade fizer, por exemplo, serão alocados recursos extras em relação aos que existem no momento. Eu penso que, no caso específico da Ufac, seria um atraso se nós não aderíssemos”, explica Jonas Filho.



Reitor Jonas Filho é favorável à adesão da Ufac ao Reuni

Inscrições abertas para mestrados

• Os quatro cursos de mestrado mantidos pela Universidade Federal do Acre (Ufac) estão com suas inscrições abertas até meados de novembro. Confira abaixo os cursos, quem pode se inscrever e as datas limites das inscrições.

Agronomia – Produção Vegetal

Profissionais formados em curso superior de duração plena em Engenharia Agrônoma, Engenharia Florestal, Engenharia Agrícola e Ciências Biológicas. Inscrições até 7 de novembro de 2007.

Desenvolvimento Regional

Candidatos brasileiros portadores de diplomas de graduação de cursos reconhecidos pelo MEC nas distintas áreas de conhecimento; candidatos estrangeiros portadores de diploma de graduação reconhecidos pelo Ministério de Educação de seu país nas distintas áreas de conhecimento e que atendam as exigências do Estatuto dos Estrangeiros no que couber. Inscrições até 20 de novembro de 2007.

Ecologia e Manejo de Recursos Naturais

Portadores de diplomas de curso superior de duração plena, bacharelado ou licenciatura, ou técnico de nível superior,

nos cursos de graduação das áreas de Ciências Biológicas, Engenharias, Ciências Sociais Aplicadas e Ciências Humanas, ou outros cursos de áreas correlatas à área de concentração do Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Manejo de Recursos Naturais. Inscrições até 9 de novembro de 2007.

Letras: Linguagem e Identidade

Portadores de diploma de graduação em curso superior na área de Letras ou áreas afins, cujas propostas de pesquisa se insiram nas linhas de pesquisa do curso. Inscrições até 9 de novembro de 2007.

Educação para todos

Ufac cria curso voltado para a formação de professores indígenas em Cruzeiro do Sul

HISAAC OLIVEIRA

Até o fim deste ano a Universidade Federal do Acre (Ufac) deverá definir a data de instalação, em Cruzeiro do Sul (Campus do Canela Fina), do primeiro curso de Formação Docente para Indígenas. A discussão do projeto político pedagógico do curso já foi efetivada pela Pró-Reitoria de Graduação da Ufac num seminário na referida cidade, no mês de julho passado.

O projeto foi materializado graças ao trabalho e à reflexão de uma comissão de professores da Ufac, bem como à sustentação e à perseverança de lideranças e organizações governamentais e não governamentais direcionadas para as questões indígenas, visando atender a demanda pela qualificação de professores que atuam com esse referido segmento populacional.

A ideia é atender ao que a Lei de Diretrizes e Bases determina no sentido de oferecer um curso diferenciado e específico para os professores indígenas, garantindo a sua essência interdisciplinar, formando um profissional integralmente, com competências e habilidades voltadas para assegurar sua autonomia e responsabilidades



Comissão discute projeto pedagógico do curso de Formação Docente para Indígenas

pertinentes ao ofício de ensinar.

De acordo com o pró-reitor de Graduação da Ufac, Sérgio Brasil Júnior, o curso de Formação Docente para Indígenas “pretende assumir o compromisso de dialogar com os diferentes sujeitos no processo ensino-aprendizagem e o objeto a ser conhecido, a fim de promover uma educação de qualidade, pautada no desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da extensão”.

“Vale ressaltar”, diz ainda Sér-

gio Brasil, “que o curso estimulará também a produção de conhecimentos que possam ressignificar a academia, contribuindo com a conseqüente vivência cidadã pelo próprio exercício da atividade. A implantação desse curso se constitui num reconhecimento da diversidade humana, social e cultural presente em âmbito nacional”.

Desafios educacionais – A população indígena atual, no Brasil, é formada por aproxima-

damente 210 povos distintos, espalhados por todos os estados da federação, computando em torno de 280 mil a 329 mil indivíduos. O tamanho reduzido, a dispersão e a heterogeneidade dessa população tornam muito difícil a implementação de uma política educacional adequada.

Não obstante todas as dificuldades, desde a Constituição de 1988 que os povos indígenas garantiram o direito a uma educação que assegure o acesso a conheci-

mentos universais, mas sem negar suas especificidades culturais e sua identidade. O objetivo é tornar a escola, apesar de suas contradições, um recurso estratégico de resistência e emancipação.

Uma outra conquista fundamental nesse processo de resgate da identidade e da cultura indígena ocorreu em relação da LDB nº 9394/96, em seus artigos 78 e 79, que garantem a criação de programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilingüe e intercultural aos povos indígenas, bem como o apoio técnico e financeiro da União para tal fim.

Para atender a Constituição e a LDB, diversas experiências surgiram pelo país, construindo projetos específicos à realidade de determinados grupos indígenas, praticando a interculturalidade e o bilingüismo. O mais importante, porém, para além da lei, segundo os especialistas, é a experiência da escola indígena, tendo em vista a sua forma de olhar os processos escolarizáveis.

A comissão de sistematização final do projeto político pedagógico do curso de Formação Docente para Indígenas da Ufac foi composta pelas professoras Araci Maria Labiak (antropóloga e pedagoga), Maria Iranilda da Silva Bezerra (pedagoga), Valda Inês Fontenele Pessoa (pedagoga), Eunice Maia Assumpção (pedagoga) e Rossilene Brasil Muniz (pedagoga).

Cooperação Interinstitucional incrementa ações na Ufac

• Criada no início de 1985, na gestão do reitor Moacir Fecury Ferreira da Silva, a Assessoria de Cooperação Interinstitucional (ACI) da Universidade Federal do Acre (Ufac) tem, ao longo desses 23 anos, mediado inúmeras atividades de integração entre a universidade acreana e instituições de ensino superior de todos os continentes.

Em 2005, na segunda gestão do reitor Jonas Pereira de Souza Filho, a ACI ampliou significativamente as suas ações, filiando-se ao Fórum das Assessorias das Universidades Brasileiras para Assuntos Internacionais (Rede Faubai), Regional Norte, em reunião nacional de assessores realizada em Boa Vista, na Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Atualmente a ACI tem como seu titular o professor Rosenato Pontes Corrêa, do Departamento de Letras, que fala com entusiasmo das ações da unidade.

“Não fosse o trabalho da Assessoria de Cooperação Interinstitucional, por exemplo, hoje não seria, de forma alguma, possível promovermos o intercâmbio de estudantes da Ufac com universidades de outros países”, explica o assessor.

“A Ufac tem firmado convênios e parcerias no âmbito estadual e nacional com muitas instituições e entidades, na busca de implementação conjunta de programas, projetos e capacitação, bem como intercâmbios de informações científicas e tecnológicas envolvendo as diversas áreas do desenvolvimento econômico, social e cultural etc.”, disse Rosenato.

Por conta desse trabalho da ACI, no ano passado o estudante Elias Pedroso, do curso de História, fez uma pesquisa documental de seis meses na Universidade da Flórida (Estados Unidos). A intenção do estudante acreano foi detectar a influência social, cultural e econômica

de imigrantes dos estados brasileiros de Rondônia e do Acre naquele pedaço do país norte-americano.

Atualmente, a ACI concentra esforços para publicar duas revistas eletrônicas: Ramal de Idéias, destinada a artigos produzidos por docentes (de qualquer lugar do planeta); e Seringal de Idéias, destinada a artigos produzidos por estudantes. As normas editoriais das duas publicações podem ser encontradas na página virtual do Ufac, no endereço www.ufac.br.

Para o próximo ano, pelo menos duas grandes ações estão na pauta da ACI: sensibilizar a comunidade universitária local para a importância estratégica da Ufac na Amazônia; e incentivar os professores da instituição a se integrarem em projetos de cooperação interinstitucional, estimulando a realização de trabalhos com recursos financeiros (ou humanos) do exterior.



Elias Pedroso e Rosenato Pontes

Parque Zoobotânico

Uma centena de hectares de vegetação preservada destinados à pesquisa e aos estudos ambientais

RICHARD FERREIRA

Trata-se da maior área verde do município de Rio Branco. São 100 hectares de vegetação preservada, constituindo um refúgio para animais silvestres e onde se encontra uma das áreas de maior diversidade de plantas por metro quadrado. Esse é o Parque Zoobotânico (PZ) da Universidade Federal do Acre (Ufac).

Criado no ano de 1980, o PZ tem como objetivo principal a pesquisa de espécies nativas da nossa região, bem como seu potencial de uso e o desenvolvimento de tecnologias apropriadas para aproveitamento de seus recursos ecológicos. No PZ as atividades de pesquisa são desenvolvidas por uma equipe multidisciplinar, em parceria com órgãos públicos, privados e/ou ONG's, relacionadas com a etnobotânica e a botânica econômica do estado, com o uso da terra e mudanças globais na região leste do Estado do Acre; na forma de pesquisa participativa e educação agroflorestal para recuperação de áreas degradadas em localidades rurais e indígenas; estudos com tecnologia de sementes e produção de mudas de espécies nativas, manejo de produtos florestais não madeireiros, bem como atividades de educação ambiental envolvendo as escolas e universidades de Rio Branco.

Com base nessas experiências, são realizadas atividades de extensão visando a capacitação de recursos humanos regionais, envolvendo tanto a comunidade acadêmica como a não-acadêmica (alunos das escolas de primeiro e segundo graus, de graduação, graduados, pós-graduandos, pesquisadores de outras instituições, pequenos produtores rurais, índios e seringueiros), promovendo cursos de produção de mudas, tecnologia de colheita de sementes, conservação e uso de sementes florestais, cursos de formação de agentes agroflorestais, visando a instrumentalização para o manejo de ecossistemas adequado ao desenvolvimento sustentável, além de outros cursos temáticos.

Pesquisa e Extensão - Em 2006 foram executados cerca de quarenta projetos de pesquisa e extensão, destacando-se dentre eles o "Uso racional dos produtos agroflorestais para o bem estar de comunidades no vale do Acre", executado através da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-



Vista aérea do campus da Ufac, com o Parque Zoobotânico ocupando a área escura da fotografia

Graduação e envolvendo também o mestrado em Ecologia da Ufac. O projeto é executado em parceria com o Grupo de Pesquisa e Extensão em Sistemas Agroflorestais do Acre (Pesacre) e a Secretaria de Extensão e Produção Familiar (Seaprof), com apoio do Fundo Brasileiro de Biodiversidade (Funbio) e Fundação Ford.

O projeto está sendo desenvolvido na região que abrange

o Vale do Acre, mais especificamente nos projetos de assentamento Humaitá, Moreno Maia e Benfica, na Reserva Extrativista Chico Mendes e no Projeto de Assentamento Agroextrativista Porto Dias. "Essas áreas foram priorizadas nesse projeto porque foi onde se registraram uma elevada concentração de ações antrópicas, devido à pecuária extensiva, a agricultura itinerante baseada em derrubadas e

queima de florestas e capoeiras, além de atividades de madeiras clandestinas. De outro lado, nessas áreas tem existido um movimento organizado através das diversas associações de moradores, produtores, seringueiros e organizações sociais visando a proposição de alternativas. Essa situação tem possibilitado o intercâmbio de informações e experiências entre pesquisadores e produtores

Localização e setores do PZ

O PZ está localizado dentro da área do Campus universitário, nas proximidades do bloco do curso de engenharia civil e agronomia. Faz divisa com o igarapé dias Martins, a estrada Dias Martins e BR 364, nas proximidades do Parque do Tucumã.

No PZ existe uma trilha de caminhada de aproximadamente duas horas, percorrendo as antigas estradas de seringa, porém pouco visitada uma vez que a vegetação é densa, apresentando alguns perigos, pois percorre uma área de preservação onde a vegetação é primária com presença de animais silvestres.

Além dessa, existe ainda uma outra trilha que é frequentemente utilizada pela equipe do PZ, estagiários, além de visitantes em geral para deslocamento dentro da área e atividades educativas envolvendo escolas e universidades da região.

Para uma melhor organização e desenvolvimento das pesquisas, o PZ é dividido em vários setores: Viveiro, Herbário, Arboreto, Laboratório de Sementes Florestais, Educação Ambiental, Setor de Estudos do

Uso da Terra (Setem), Entomologia e Laboratório de produtos florestais não madeireiros.

O Viveiro apresenta uma estrutura física ampla, atuando principalmente na produção de mudas para implantação de sistemas agroflorestais, e arborização de bairros e escolas públicas.

O Herbário é o setor responsável pelo levantamento da flora estadual e apresenta atualmente, mais de 15 mil espécies de plantas já determinadas e disponíveis para pesquisa no banco de dados.

O Arboreto desenvolve ações junto ao grupo ecológico do Humaitá, nas áreas de implantação e monitoramento dos sistemas agroflorestais.

O Laboratório de Sementes estuda o comportamento das sementes de espécies arbóreas nativas, determinando condições ideais para germinação e armazenamento das mesmas.

O setor de Educação Ambiental desenvolve palestras e debates, e promove visitas aos alunos de escolas públicas e particulares do estado, visando assim uma maior interação



Marilene Almeida, coordenadora do Parque Zoobotânico da Ufac

com a comunidade.

O Setem desenvolve atividades de pesquisa relacionadas com o uso da terra e mudanças globais.

Já o Laboratório de produtos florestais não madeireiros funciona em parceria com o Departamento de ciências Agrárias da Ufac. As atividades envolvem o manejo de produtos como copaíba (*Copaifera* sp.) para extração do óleo; sangue de grado (*Croton lechleri*) para extração do látex; o jatobá (*Hymenaea courbaril*) para extração do "vinho" de jatobá, dentre outros.

como meio de melhor contribuir para a formulação de políticas públicas locais", explica a doutora Marilene Almeida, coordenadora do PZ.

"Entre outros resultados", continua Marilene Almeida, "essa iniciativa tem contribuído para a melhoria de renda de famílias das cinco áreas por meio da comercialização de produtos agroflorestais, processamento de frutas em micro-usinas e implantação da feira de produtos orgânicos com apoio da Prefeitura de Rio Branco e do Ministério da Agricultura. Além disso, um resultado central desse esforço de instituições e comunidades tem sido a consolidação de uma nova proposta de certificação sócio-participativa familiar a baixo custo como meio de garantir qualidade e preço dos produtos e melhoria da qualidade de vida para os comunitários".

A diversificação produtiva de colocações da Resex Chico Mendes por meio do beneficiamento de sementes e manejo de novas espécies florestais também são outros resultados inovadores dessa proposta. Monitoramento e estudos ecológicos também foram desenvolvidos visando avaliar o impacto das estratégias de manejo implementado nas comunidades dessa região do Acre.

Pesquisa em biodiesel

Um dos projetos mais importantes desenvolvidos atualmente pelo Parque Zoobotânico (PZ) da Universidade Federal do Acre (Ufac) analisa o potencial do buriti, já que o óleo extraído da polpa dos frutos maduros desta espécie pode ser usado para a síntese do biodiesel. A linha dos estudos ora em evidência pretende verificar a viabilidade econômica e tecnológica do buriti como matéria-prima para a produção deste tipo de biocombustível.

A primeira fase do projeto já foi concluída, tendo sido gerado um relatório com o mapeamento das populações mais significativas da espécie, estudo da densidade das plantas, e a proporção entre as espécies masculinas e femininas. De acordo com os resultados do mapeamento, o maior buritizal de Rio Branco pode ser acessado a partir do Km. 13 da BR-364 (sentido Porto Velho), com uma área estimada de 60 hectares.

O projeto de pesquisa em biodiesel é executado pelo Parque Zoobotânico, em parceria com o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), a Fundação de Tecnologia do Acre (Funtac) e a Eletronorte.

A educação física acreana, o futebol regional devem

WALTER FÉLIX

FRANCISCO DANDÃO

Aos 80 anos (completados em 18 de julho), o professor Walter Félix de Souza, popularmente conhecido como feiticeiro Té (pela capacidade de mudar o rumo das partidas enquanto técnico de futebol), leva uma vida de puro ócio, acompanhado da esposa Marlene Magalhães e de vinte passarinhos (paixão que ele exercita desde a adolescência) numa casa de classe média na Cohab do Bosque. Durante as noites, religiosamente, uma dezena de amigos reúne-se na área frontal para animadas partidas de dominó e conversar sobre todos os assuntos possíveis e imagináveis.

Walter Félix foi o segundo acreano a formar-se em Educação Física (pela Escola Nacional do Rio de Janeiro), em 1948, aos 21 anos. E já começou o exercício profissional que iria consagra-lo na volta para casa durante os anos de estudo, quando trabalhava em dois lugares: na escolinha de nataçao do Botafogo e na Associação

Jornal da Ufac – Sobre o seu ingresso na Ufac... Como é que aconteceu?

Walter Félix – Eu entrei através de concurso. Foi aberto um concurso, eu consegui passar e, por uma dessas razões do destino, acabei sendo o primeiro professor de educação física da Instituição. Isso tudo no início dos anos de 1970. A universidade ainda funcionava ali na rua Benjamin Constant, onde hoje se localiza o prédio da Secretaria da Fazenda. Só muito tempo depois é que nós fomos para o campus universitário, passando ainda pelo prédio da Getúlio Vargas [avenida].

Jornal da Ufac – Quais eram as principais dificuldades nessa época para iniciar as atividades, levando em conta que o senhor foi o primeiro professor do Departamento de Educação Física?

Walter Félix – Primeiramente, é bom que se diga, eu contei com a ajuda de todos os reitores com quem eu trabalhei: o professor Aulio Gélío, o Moacir Fecury, o Sansão Ribeiro. Todos eles me ajudaram muito mesmo. Porque no início, apesar de já existir a lei determinando que houvesse educação física nas universidades, poucas instituições obedeciam. Introduzir alguma coisa assim, de primeira, exigiu um trabalho árduo. Mas o mais difícil foi mudar a mentalidade dos alunos, de que eles deviam praticar esporte, porque a maioria não demonstrava o menor interesse. Ao contrário, até resistia à ideia. Mas nós conseguimos e acabou saindo tudo bem.

Jornal da Ufac – Levando em conta essa mentalidade dos alunos, como

Cristã de Moços. “Para equilibrar o orçamento, complementado por uma bolsa de estudos concedida pelo Governo do Acre, o Silvestre Coelho”, diz. Além disso, ainda achava tempo para bater uma bolinha no meio-de-campo do time da faculdade.

Ao retornar ao Estado, até se aposentar, nos anos de 1980, Walter Félix exerceu diversos cargos de direção na vida pública: diretor do Colégio Acreano, diretor da Escola Normal Lourenço Filho, diretor do Colégio dos Padres (atual Meta), diretor do Ciclo de Estudos Básicos da Universidade Federal do Acre (Ufac), representante da Merenda Escolar e presidente da Fundação Cultural (governo Romildo Magalhães). Ajudou, ainda, a fundar o Atlético Clube Juventus, fundou o Departamento de Educação Física da Ufac e participou do grupo que elaborou o projeto de criação do curso de Educação Física da mesma universidade.

A seguir, os principais trechos de um depoimento exclusivo do velho feiticeiro ao *Jornal da Ufac*, durante um par de horas regadas a várias xícaras de café, algumas gargalhadas e uma infinidade de boas lembranças.

é que se davam as aulas?

Walter Félix – Como determinava a lei, os alunos de curso superior deveriam praticar esportes, nada de ginástica. E as modalidades de desportos eram escolhidas pelos próprios alunos. Nós abríamos três categorias: nataçao, futebol de salão e voleibol. Dessas três, os alunos faziam a sua opção, nós organizávamos três turmas e dávamos para os alunos aquele esporte com o qual mais eles se identificavam.

Jornal da Ufac – Em que momento a Ufac entendeu que deveria criar o curso de Educação Física e como foi que isso aconteceu?

Walter Félix – A criação do curso de Educação Física na Ufac foi um sonho meu realizado. Quando eu terminei a minha graduação, no Rio de Janeiro, em 1948, eu e os outros três colegas que se formaram, de uma turma de 40, nós assumimos o compromisso de criar nos nossos estados um curso dessa natureza. Isso ficou na minha cabeça durante muito tempo. Até que surgiu na Ufac a oportunidade de realizar o meu sonho. Mas, devo dizer, nada seria possível sem a ajuda de alguns colegas, casos da pró-reitora Clara Bader, de um grande amigo meu de Manaus, o Fanalli, que já tinha criado cursos de Educação Física em Boa Vista, Porto Velho e Macapá, e mais os professores que compunham o Departamento de Educação Física na época, como Fernando Andrade, José Anibal Tinoco, Ivone Carneiro e outros. Graças a Deus o meu sonho foi realizado.

Jornal da Ufac – E nesses anos to-

dos, desde a criação até agora, no seu modo de ver, o curso de Educação Física da Ufac tem cumprido o papel que o senhor esperava dele?

Walter Félix – Eu acho que sim. Por que hoje são muitos os ex-alunos que já estão ministrando aulas nos colégios, tanto da capital quanto do interior. Eu acho que o curso tem cumprido a sua finalidade. E um bom indicador da qualidade do curso é a concorrência que tem no vestibular. Todos os anos é uma boa concorrência, ficando um número de pessoas de fora maior do que aqueles que conseguem entrar. Isso, me parece, é sinal, inclusive, de que existe um grande mercado para o profissional dessa área para ser ocupado.

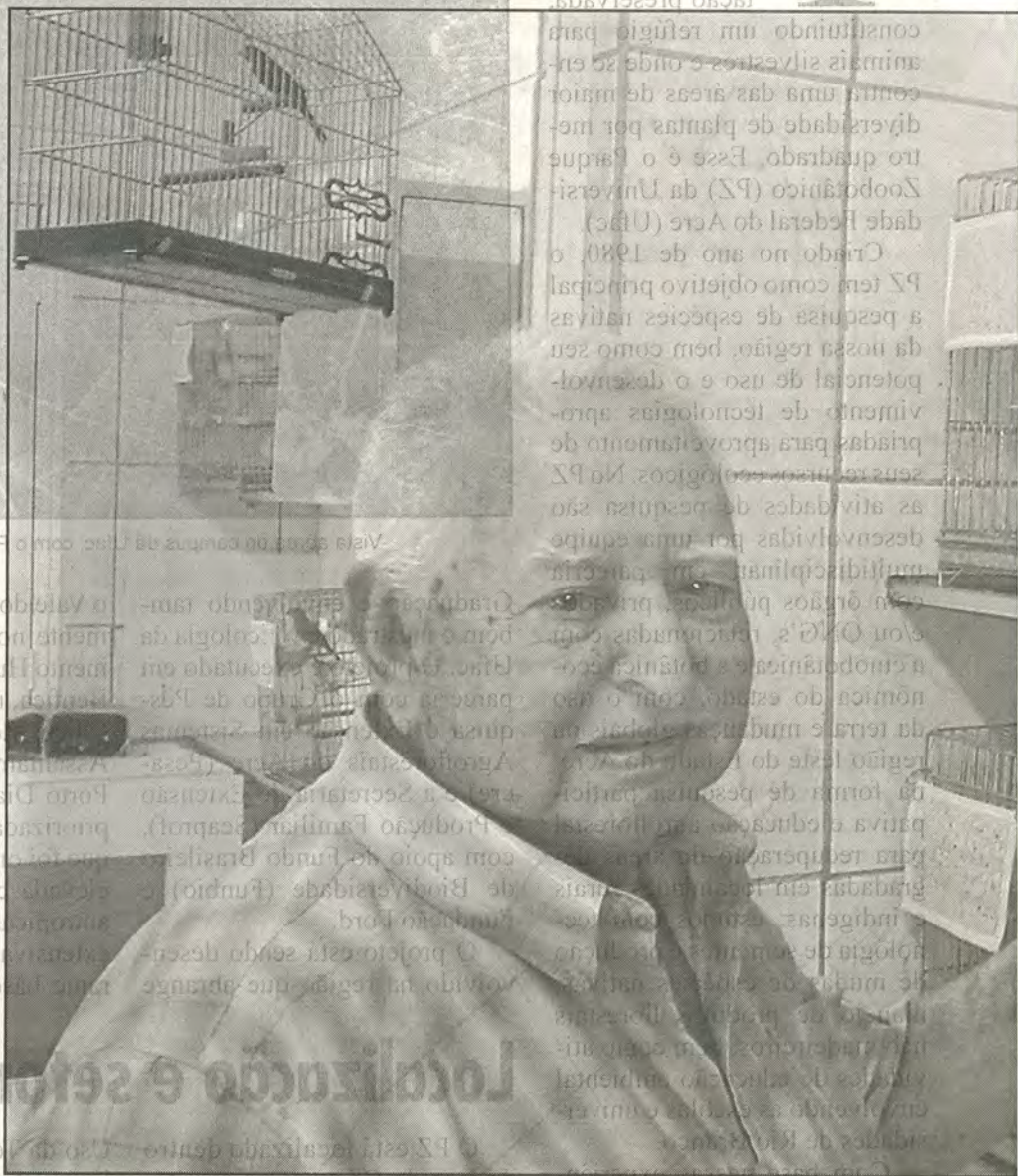
Jornal da Ufac – E quanto à diferença, no que diz respeito à formação de atletas... Eu gostaria que o senhor estabelecesse uma diferença nesse sentido, levando em conta como esse processo acontecia antes e como é que acontece hoje.

Walter Félix – Eu penso que só é possível formar bons atletas se existirem bons profissionais de Educação Física. Mas também são necessárias boas instalações. Eu diria que aqui no Acre nós estamos deficientes de boas instalações, mas os professores, até

certo ponto, têm superado essa deficiência. O Acre tem se apresentado bem em competições nacionais e regionais. Não chega a ser o primeiro, mas também não tem sido o último. Isso é fruto da boa orientação dos professores. Isso que eu estou dizendo, é a mesma coisa que acontece no futebol brasileiro. Veja o exemplo do São Paulo, que entra em todas as competições como favorito. Sabe por quê? Pela ótima estrutura que tem. O centro de treinamento do São Paulo é maravilhoso. Se a gente comparar com o de outros clubes, o São Paulo está muito distanciado deles. Hoje está comprovado que as instalações andam paralelas ao bom desempenho das equipes.

Jornal da Ufac – Quanto a sua carreira como técnico de futebol, eu gostaria que o senhor contasse como é que começou essa grande história.

Walter Félix – Primeiramente, eu devo dizer que jamais pensei em ser técnico de futebol. Tanto que eu só fui cursar uma cadeira na faculdade sobre o assunto no último período. E isso porque um colega, que era oriundo da Bahia, pediu para o nosso professor abordar o tema. Cursei a disciplina e vim embora para o Acre. Afim de um belo dia, a convite do doutor Marinho Monte, que era presidente do Independên-



IX DE SOUZA

Universidade Federal do Acre muito a esse velho feiticeiro



FRANCISCO DANDÃO

cia, eu me vi como treinador do time, para um único jogo, que era justamente um amistoso contra uma seleção do departamento boliviano do Pando. Essa seleção boliviana ganhou de todo mundo de goleada. Menos no Independência, quando conseguimos empatar. Daí veio o convite para ficar treinando a equipe em caráter definitivo, mas eu respondi que não queria saber daquilo. Passado algum tempo, eu fui ao Estádio José de Melo assistir um jogo entre Rio Branco e América, oportunidade em que o Estrelão levou uma surra de 4 a 0. O técnico, que se chamava Rui Azevedo, pediu demissão na mesma hora. E foi então que eu, que devia um grande favor ao presidente do Rio Branco, um senhor chamado Major Izidoro, me ofereci para assumir o lugar do treinador. Isso em 1949. Fiquei três anos seguidos no Rio Branco e entendo que fui muito bem sucedido. Só larguei a carreira em 1988, no último campeonato do regime amador, quando eu fui campeão pelo mesmo Independência que proporcionou a minha primeira experiência à beira do gramado.

Jornal da Ufac – Que futebol era aquele que se praticava no Acre no tempo do amadorismo?

Walter Félix – Era o mais empírico

possível. Na história do futebol, os primeiros sistemas adotavam uma linha com cinco atacantes. Ninguém marcava ninguém e todo mundo jogava à vontade. Quando eu cheguei aqui, entendi que não devia armar os meus times assim. Ai eu comecei a implantar, isso no Rio Branco, um sistema que era empregado por um treinador chamado Fleitas Solich, do Flamengo, com apenas três homens na frente. Por conta do sucesso do nosso sistema, eu acabei sendo convidado pelo doutor Ary Rodrigues, que era o presidente da federação na época [início da década de 1960] para treinar uma seleção local que deveria fazer uns amistosos em Manaus. Detonamos todo mundo em Manaus: Fast, América e Labor. Além disso, ainda falando do tempo do amadorismo, eu gostaria de registrar, com muito orgulho, que fui um dos fundadores do Atlético Clube Juventus. Eu, Toca, professora Dinah Gadelha, padre Mário e padre Antônio Anelli. O Elias Mansour entrou como convidado, no momento seguinte. Então, resumindo, a respeito do que você perguntou, o futebol nos tempos mais antigos do Acre era pior do que o praticado uns anos depois, uma vez que nem esquema tinha. Claro que agora está muito ruim. Mas, entre os

primeiros anos e agora, nós tivemos jogadores de ótimo nível técnico.

Jornal da Ufac – A que o senhor atribui a baixa qualidade técnica do futebol acreano nos dias de hoje?

Walter Félix – Veja bem, o profissionalismo é uma faca de dois gumes. Se for bem administrado, tudo certo, mas se não for, dá no que dá. Aqui no Acre, o futebol caiu, renda caiu, tudo em decorrência ao espetáculo que ficou mais feio. Praticamente não tem mais espetáculo. Só tem correria desordenada. Nos anos de 1970, a gente fazia os jogadores. Eles saíam do juvenil, subiam para o time titular e davam conta do recado. Não havia esse mercado que existe hoje. O acreano tem uma qualidade nata muito boa para jogador de futebol. Mas falta orientação e, como eu falei antes, boa administração dos dirigentes.

Jornal da Ufac – Eu gostaria que o senhor me falasse agora dos maiores jogadores acreanos que o senhor viu em ação. O senhor conseguiria escalar onze, para compor uma fictícia seleção acreana de todos os tempos?

Walter Félix – Foram muitos os bons jogadores que passaram pelas minhas mãos, porque eu sempre gostei de trabalhar com os melhores. Isso de trabalhar com os melhores foi uma orientação que eu tive de um velho mestre. Goleiros, por exemplo, eu vi Tinoco, Zé Augusto, Ilzomar, Guedes (um boliviano que veio jogar no Rio Branco), Guimarães, esses eram ótimos debaixo das traves. Zagueiros, teve o Deca, o irmão dele, que se chamava Mozarino... Meio de campo, para mim o melhor de todos foi o Dadão... E teve também Mariceudo, Emilson, Tadeu e Merica, muitos bons... Como atacantes, eu destaco Toca, Fued, Guedes e Hugo Sena Pinto... Nas laterais teve o Mauro, o Antônio Maria e o Chico Alab... Ponteiros: Bico-Bico, o rei dentre todos. Mas, tinha também o Paulinho, que era um jogador excepcional!

Jornal da Ufac – Qual o time que lhe deu mais prazer dirigir?

Walter Félix – Olha, eu tenho uma coisa comigo: se você perguntar hoje qual é o time da minha preferência, eu não saberia te dizer. Isso porque eu aprendi que o time do coração é aquele no qual você está trabalhando. Eu não posso falar mal do Rio Branco, porque sempre fui muito bem tratado no tempo em que estive lá. Eu não posso falar mal do Juventus, clube que eu fui fundador e de onde eu só saí quando eu quis sair. Do Independência, igualmente, eu só tenho boas lembranças, tanto da torcida quanto dos dirigentes. Uma certa mágoa eu só tenho do Atlético Acreano. Foi o único time que eu treinei e no qual não consegui ser campeão, mas por culpa de alguns dirigentes. Eu fui convidado

para trabalhar no Galo pelo doutor Adauto Frota, pegando o time sem ninguém. Ai eu fui ao Rio de Janeiro e trouxe vários jogadores, casos do Paulão, do Guedes e do Pítico, além de regularizar a situação do Zé Augusto. Mas aí, eu comecei a ter problemas com a diretoria quando barrei um dos ídolos do time, o Euzébio, que não gostava de treinar. Para mim, não tinha lógica escalar um jogador que não treinava, por melhor que ele pudesse ser, em detrimento dos que trabalhavam todos os dias. Ai a guerra foi declarada. A primeira competição com o Atlético, que foi o Torneio do Povo, eu já ganhei logo de cara. Mas então, já com a indisposição pela barração do jogador citado, quando chegou o campeonato, na véspera de um jogo contra o Juventus, a diretoria se reuniu e resolveu me tirar, sob a alegação de que eu era juvenil. Só teve um diretor a meu favor, que foi o Rivaldo Patriota. Com as ponderações do Rivaldo, a diretoria resolveu deixar-me no cargo, mas com a condição de que eu seria demitido caso perdesse o jogo. Isso acertado lá entre eles, que eu não podia saber. Acabei sabendo pelo próprio Rivaldo. Ganhamos o jogo por três a zero e, no fim das contas, quando o diretor Ilson Ribeiro, um dos líderes no movimento para a minha demissão, veio me cumprimentar, eu peguei as carteiras dos jogadores, enfié no bolso dele, disse um palavrão e fui embora para nunca mais voltar. A dúvida deles com relação ao meu caráter me magoou profundamente. Resultado: o Juventus foi campeão da cidade e eles ficaram com o rabo entre as pernas.

Jornal da Ufac – Por último, professor Té, eu gostaria que o senhor fizesse um rápido balanço sobre a sua vida. Uma espécie de olhar para trás, aos 80 anos, e dissesse o que o senhor fez que não faria mais, bem como o que faltou fazer.

Walter Félix – O que eu fiz e não gostaria de ter feito, eu faria de novo. Tudo o que eu fiz ao longo da minha existência foi consciente, fiz pela minha própria vontade, nunca fui sugestionado por ninguém. Eu nunca, por exemplo, botei um cigarro ou uma gota de álcool na boca. Os meus amigos saíam, farreavam, bebiam, me chamavam, mas eu nunca fui pela cabeça de ninguém. Até andava junto com eles, mas sempre dentro do meu próprio código de conduta. Então, o que eu fiz, os erros que eu cometi, e certamente cometi muitos, porque ninguém é perfeito, os cometeria de novo. Eu posso dizer que todos os meus erros foram cometidos de forma consciente. Às vezes, a favor de algum amigo, mas sempre defendendo a minha consciência. Deus foi tão misericordioso comigo que me deu 80 anos de vida. O que eu poderia dizer que me faltou a fazer? Eu não tenho mais nada a fazer. É aguardar meus dias e agradecer a Deus tudo isso que Ele me deu e que continua me dando.

Controle de qualidade

Análises realizadas na Utal da Ufac garantem água e alimentos saudáveis para os acreanos

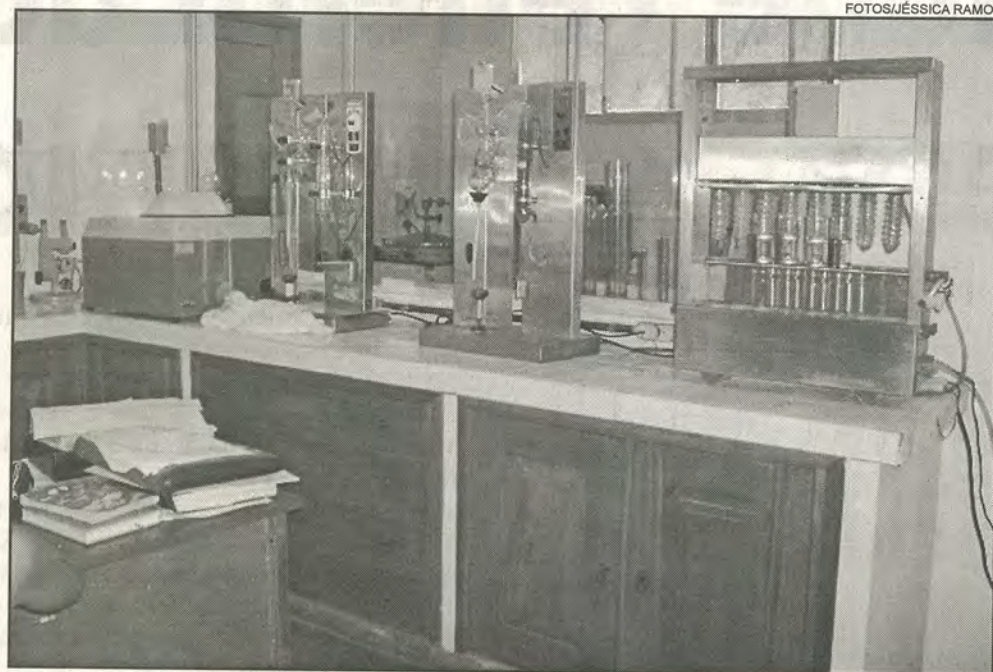
JÉSSICA RAMOS

A Unidade de Tecnologia de Alimentos (Utal) da Universidade Federal do Acre (Ufac) é o único laboratório do Acre a realizar o controle de alimentos e água consumidos na região. Com inúmeras parcerias, a Utal realiza esse trabalho de extensão com a comunidade não-acadêmica de forma periódica atendendo a demanda do Estado e algumas vezes realizando serviços para o estado de Rondônia.

Dentre os órgãos que possuem convênio com a instituição pode-se citar a Secretaria de Educação, a Secretaria de Saúde, o Departamento de Águas e Esgoto (Deas), o Instituto do Meio Ambiente (Imac), a Secretaria Municipal do Meio Ambiente (Semeia) e o Ministério Público. Este último, no caso de denúncia em que é necessário algum tipo de investigação.

O trabalho de atendimento a rede de ensino público, fazendo o controle da merenda escolar e da água, começou há quatro anos. Em parceria com a Secretaria de Educação foi criado o Controle de Qualidade da Água Servida nas Escolas da Rede Estadual de Rio Branco, projeto em que a Utal verificou a situação das escolas, tirando amostragem dos poços, das cisternas e das torneiras em que os alunos consumiam a água, localizando assim as áreas problemáticas. A partir dessa projeção, a Secretaria sanou as deficiências das escolas tratando as águas, clorando e colocando filtros. Agora existe apenas o monitoramento, e somente algumas escolas são testadas periodicamente, de acordo com uma lista feita pela Secretaria de Educação. Em casos de problemas e suspeitas de contaminação, a Utal também é requisitada.

Outras atividades - Criada em 1985, com o objetivo de dar suporte aos cursos de graduação da Ufac, inicialmente seu propósito era criar, desenvolver tecnologias de alimento e realizar, juntamente com isso, o controle dos mesmos. Os cursos diretamente beneficiados são Engenharia Florestal, Biologia, Ciências Agrárias,

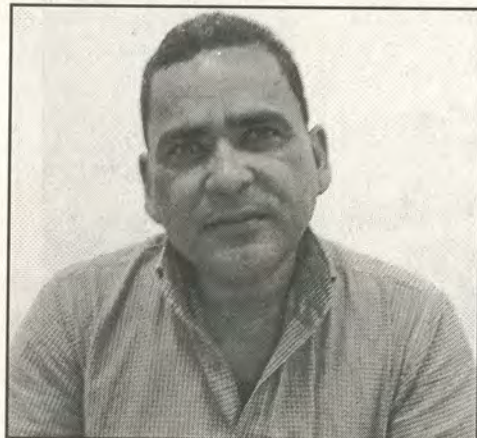


Laboratório de análises físico-químicas na Unidade de Tecnologia de Alimentos da Ufac

Engenharia Civil e, agora, o de Química. A Utal é também um órgão integrador de vários cursos de mestrado que possam ter como objetivo alguma tese, trabalho ou monografia que venham a ser desenvolvidos nos laboratórios da Unidade.

A Utal faz ainda trabalhos para a Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários (Prac), controlando a qualidade dos alimentos e das águas consumidos no Restaurante Universitário (RU), para saber a quantas anda a qualidade dos alimentos que os alunos consomem. Também são concedidos estágios para alunos da rede pública de ensino médio e estudantes da própria Universidade.

Além de todas essas atividades, dentro das atividades-fins da universidade, no que diz respeito ao ensino, pesquisa e extensão, o setor desenvolve o trabalho de extensão com a realização de serviços para a comunidade externa. Nesse sentido, como já foi citado, são feitas análises de alimentos, principalmente a água, dada a dificuldade, a carência de distribuição e da qualidade, levando em conta que as pessoas se abastecem em poços, e necessitam de um aval, para saber se esse produto pode ser consumido ou não. Principalmente na época de verão amazônico, a Utal é muito procurada, em consequência da escavação de poços por parte da popu-



Rui Santana, diretor da Utal

lação. Empresas, órgãos governamentais e não-governamentais também são atendidos pelo setor.

Fora o trabalho com alimentos e águas para consumo humano, a Utal teve que abraçar uma causa que não estava em seus objetivos iniciais, que é a análise de afluentes para controle ambiental, mananciais, igarapés, esgotos, efluentes de fábricas, efluentes de órgãos públicos, enfim, tudo que diz respeito a efluentes a Unidade se presta a analisar, prestando serviço para o controle de qualidade, visando adequar essas investigações às legislações vigentes do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama), a Legislação Ambiental do Estado, e assim por diante.

Durante todo esse tempo, de 1985 a 2007, a Utal vem diversificando os seus trabalhos, atendendo empresas que exportam, que importam e que produzem produtos regionais, como os comerciantes que trabalham com polpas de frutas e os pólos agroflorestais, que precisam de certificação, pois todo produto deve ter sua qualidade atestada para ser consumido, principalmente no que diz respeito à sua composição nutricional. A legislação exige que todo alimento contenha no seu rótulo informações nesse sentido. E qualquer um que produz algum tipo de alimento que é minimamente processado tem que ter esse controle de qualidade inicial para poder ser comercializado.

Instalações e corpo técnico - A Utal é fisicamente dividida em três partes: a unidade piloto, que é uma fábrica para

experimentos, munida de equipamentos pequenos, capazes de produzir em diminutas quantidades de forma inicial, é destinada a pesquisas e aulas práticas; um laboratório de análises físico-químicas para promatologia dos alimentos, tudo que for análise química, independente do tipo de amostra; e um laboratório de análise microbiológica, onde está prevista a criação de um laboratório específico para análise de água. O quadro de pessoal possui três técnicos de nível superior, três estagiários e quatro pessoas de serviço operacional.

A unidade, em princípio, não possui recursos específicos pra trabalhar só com extensão. Dessa forma, esse serviço, que é prestado tanto para as comunidades da zona urbana como da zona rural, bem como para instituições filantrópicas, é feito de forma gratuita, na medida do possível. Porém, quando não existe essa possibilidade, é cobrado um preço módico para cobrir os custos operacionais, já que não existe um orçamento específico pra esse tipo de pesquisa.

"Hoje, a gente tenta manter todo esse serviço com arrecadação própria, com contratos, com arrecadação de serviços prestados individuais com empresas, ou com convênios com órgãos estaduais federais, municipais, mas a unidade tem uma conta na universidade, e esses recursos caem dentro dessa conta e nós fazemos uso para poder funcionar. A universidade, hoje, entra, basicamente, só com os nossos salários. Mas material de consumo, manutenção, pagamento de estagiários é tudo feito com esses serviços", explica Rui Santana, diretor da Utal há sete anos, técnico laboratorista na área química, formado em Geografia e especializado em Tecnologia de Alimentos.

Recursos humanos e biodiesel - Na opinião do diretor, a maior dificuldade encontrada na unidade é o número de pessoas voltadas pra trabalhar no corpo técnico. "Nosso corpo técnico é extremamente reduzido pra quantidade de trabalho que nós realizamos. Só pra você ter uma idéia, de 1985 pra cá nós, além de não conseguirmos aumentar o quadro, ainda o vimos diminuir. Em 1985, nós tínhamos, com carga horária especificamente destinada à Utal, quatro professores, e éramos aqui três técnicos de nível superior. Hoje temos somente um professor com lotação específica e continuamos com os mesmos três técnicos", diz. Ele completa afirmando que isso é consequência da falta de mecanismos de contratação de pessoal, já que há muito tempo o Governo Federal não abre vagas para essas áreas.

Atualmente, o principal projeto em andamento na Unidade de Tecnologia em Alimentos é o de desenvolvimento do Biodiesel. Esse projeto é fruto de uma parceria entre o Departamento de Ciências da Natureza (curso de Química) da Ufac e a Fundação de Tecnologia do Estado do Acre (Funtac). As análises de todos os produtos, os frutos [matéria prima] que são pesquisados com potencial de biodiesel são realizados na Utal por alunos ligados ao Pibic, alunos bolsistas de outros programas, técnicos da unidade e professores do curso de Química.



Unidade piloto para produção experimental em pequenas quantidades

Acervos da história regional

Centro de Documentação e Informação Histórica da Ufac possui 350 mil documentos em seus arquivos

FRANCISCO DANDÃO

Criado em 1976, por iniciativa de profissionais e estudantes ligados à área das Ciências Sociais, que congregava os cursos de História e Geografia, o Centro de Documentação e Informação Histórica (CDIH) da Universidade Federal do Acre (Ufac) veio à luz num momento em que as pesquisas com fontes primárias, em particular sobre história do Brasil, ainda eram profundamente incipientes, mesmo nas grandes capitais do “centro-sul”.

Naquela período, conhecido posteriormente como “anos de chumbo”, começavam a surgir os centros de documentação que são considerados hoje como as mais expressivas referências para a pesquisa documental, em âmbito nacional como, por exemplo, o Centro de Pesquisa e Documentação (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), no Rio de Janeiro, e o Centro de Documentação Edgard Lewerth, no estado de São Paulo.

Entretanto, diferentemente do que ocorreu com a maioria dos centros de documentação e pesquisa criados nos anos de 1970, o CDIH da Ufac ficou relegado



Detentos trabalham na Colônia Penal Agrícola de Rio Branco, na década de 1940

durante mais de dez anos (1976 a 1987, no caso) a ser um simples depósito de documentos, praticamente sem nenhuma catalogação, sem infraestrutura adequada, sem financiamentos e sem profissionais qualificados para propiciar seu crescimento nesse campo da prática acadêmica.

Apenas a partir de 1987, por conta de discussões levadas a efeito por professores e pesquisadores, além de decisões estabelecidas no processo de modernização administrativa da Ufac, o CDIH

foi agregado ao organograma da instituição como órgão vinculado à Reitoria. “Até então, o CDIH havia sido relegado ao descaso, não obstante a dedicação daqueles que se revezavam em sua administração”, diz Gerson Albuquerque, atual diretor da unidade.

Novo tempo, novos rumos – A partir do final do ano 2000, com a chegada do professor Jonas Pereira de Souza Filho à reitoria da Ufac, uma série de melhorias foram implementa-

das no CDIH, começando pela mudança para um local bem mais espaçoso para a guarda do acervo documental, um salão para pesquisa e atendimento à comunidade e uma sala para a direção da unidade, com o espaço físico tornando-se totalmente climatizado.

Gerson Albuquerque relata que a partir desse momento “o acervo passou a receber um novo tipo de tratamento, principalmente com a catalogação dos fundos documentais, com

a digitalização, que em breve será total, de parte do acervo fotográfico, e com a aquisição de novos equipamentos, casos de computadores, scanner e impressora, bem como a completa proibição de empréstimos e reprodução xerográfica de documentos”.

No período compreendido entre os anos de 2001 e 2005, além do trabalho de higienização, reorganização e catalogação das coleções documentais, o acervo do CDIH foi ampliado com a doação de uma série de documentos pertencentes às famílias de dois ex-governadores, Hugo Carneiro (Território) e José Augusto (Estado), materializando uma significativa ampliação das possibilidades de pesquisa da história recente do Acre.

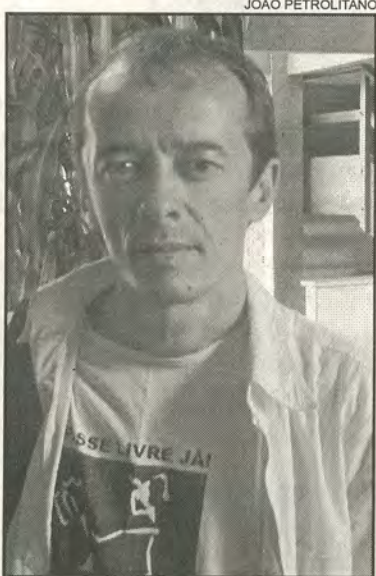
Atualmente, o acervo documental do CDIH é composto por, aproximadamente, 350 mil documentos, dispostos por temas/áreas/linhas, e distribuídos por diferentes suportes, formatos e temporalidades. “Dentre esse acervo”, diz Gerson, “entre outros documentos, podemos destacar cartas, relatórios, atas, testamentos, tratados, certidões, panfletos, recortes, anuários, dossiês, diários, relatos de viagens, mapas, estudos cartográficos etc.”.

CDIH publica três grandes acervos documentais em catálogo

Até o fim deste ano o Centro de Documentação e Informação Histórica (CDIH) da Universidade Federal do Acre (Ufac) lançará dois importantes trabalhos na área documental: um catálogo com o acervo do ex-governador José Augusto de Araújo (1962-1964), acervo da pioneira Izaura Parente e acervo do movimento social acreano; e um livro com trabalhos acadêmicos de diversos pesquisadores.

“Nós queremos lançar os dois trabalhos durante o I Simpósio de Linguagens e Identidades da Amazônia Sul Ocidental”, diz Gerson Albuquerque. “Independente de qualquer alteração na data desses lançamentos”, continua o diretor, “o que mais importa nesse momento é que o CDIH tem cumprido um papel extremamente importante na preservação e divulgação da documentação histórica dessa parte da nação brasileira”.

“Nesse contexto todo de expansão e inventário do acervo do CDIH”, explica Gerson, “é interessante que



Gerson Albuquerque, diretor do CDIH da Ufac

as pessoas tomem consciência de que não basta guardar, mas sim dar visibilidade aos documentos, abrindo-os para a pesquisa pública. Nesse sentido, pode-se dizer que o trabalho feito nos últimos seis anos consolidou o CDIH com centro de pesquisa multidisciplinar, e não somente para pesquisas relativas aos cursos de História e Ciências Sociais”.

Economia organiza congresso da Sober

• Departamento de Economia e coordenação do curso de mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Acre (Ufac) trabalham com afinco para organizar o “46º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural”, inicialmente previsto para acontecer no período de 20 a 23 de julho do próximo ano, em Rio Branco.

A Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (Sober) é uma entidade científica e cultural que objetiva promover o intercâmbio entre os estudiosos dos problemas econômicos e sociais da agricultura, através do estímulo à pesquisa e da promoção de encontros e debates de temas centrais do desenvolvimento da agricultura no Brasil.

No último encontro, realizado em Londrina (PR), foram apresentados mais de mil trabalhos, sendo quatro de pesquisadores da Ufac, listados abaixo.

• *Análise de transmissão de preços agrícolas e industriais* (Lara Torchi Esteves e Rubicleis Gomes da Silva);



Rubicleis Silva, professor do Departamento de Economia da Ufac

• *O perfil dos tomadores de microcrédito do município de Sena Madureira no Estado do Acre no ano de 2006* (Maria Lucinda Silva Lima, Rubicleis Gomes da Silva, Marcelo Barbosa Vidal, Marcos dos Santos Mendonça e Lucas Araújo Carvalho);

• *Índice de modernização*

agrícola (Marcelo Barbosa Vidal, Rubicleis Gomes da Silva, Marcos dos Santos Mendonça e Maria Lucinda Silva Lima);

• *Índice de qualidade de vida* (Marcos dos Santos Mendonça, Marcelo Barbosa Vidal, Rubicleis Gomes da Silva e Maria Lucinda Silva Lima).



O livro do Elder

Tese de doutorado afirma que desenvolvimento da Amazônia deve ser reorientado

FRANCISCO DANDÃO

Numa época em que é quase unânime o discurso do desenvolvimento sustentável como a única prática que pode salvar a

Amazônia brasileira da destruição, uma tese de doutoramento garante que o conceito, da maneira como tem sido posto, trilha caminhos equivocados. A tese, intitulada *(Des) Envolvimento Insustentável da Amazônia Ocidental*, de autoria do cientista político Elder Andrade de Paula, foi defendida, em 2001, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e publicada em livro, em 2005, pela Editora da Universidade Federal do Acre (Edufac).

Desenvolvido em quatro capítulos (além de uma introdução e de uma conclusão), com o apoio de vasta bibliografia sobre a região e as lutas populares camponesas, bem como de horas de entrevistas gravadas, o livro discorre especificamente sobre "A modernização no Acre – Do monextrativismo da borracha ao agroextrativismo" (capítulo 1); "O progresso como missão" (capítulo 2); "Nos labirintos da modernização – De inferno verde a paraíso dos verdes" (capítulo 3); e "Enigmas do desenvolvimento sustentável – A natureza mercantilizada" (capítulo 4).

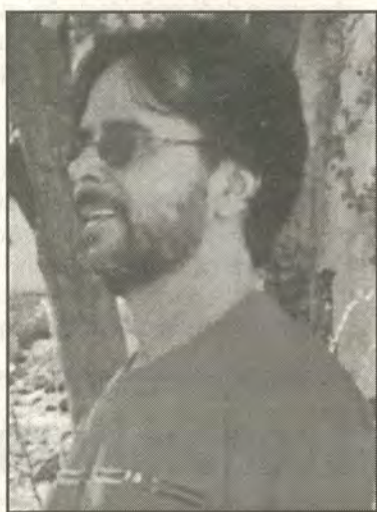
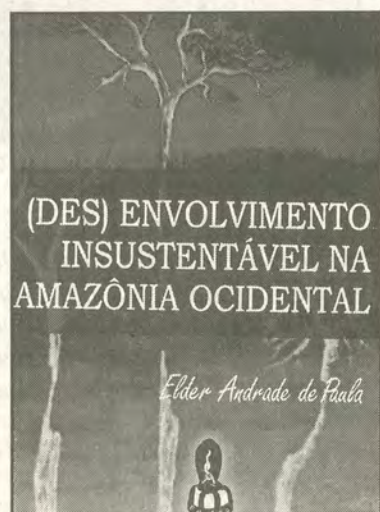
A região amazônica precisa compor uma agenda destinada a redefinir os rumos do desenvolvimento no país

Modificações de forma, mas não de conteúdo – De acordo com Elder Andrade, ao escrever a obra a sua pretensão foi demonstrar que os traços de continuidade são mais fortes que os de ruptura com o processo histórico de ocupação econômica do Acre. Em outras palavras,

que houve, sim, modificações na forma, mas não no conteúdo de um desenvolvimento insustentável. "No tempo dos missionários do progresso essa insustentabilidade era determinada pela

devastação das florestas. Já na fase dos mercadores da natureza, é a redução das possibilidades de conservação da paisagem natural aos limites definidos pelas contingências do mercado que restringe as possibilidades de romper com o ciclo vicioso da insustentabilidade do desenvolvimento", diz Elder Andrade.

Mas o pesquisador/escritor



Elder Andrade de Paula

não se limita a críticas ácidas a respeito do tema. Ele também aponta soluções. A principal delas, provavelmente, a de que o quadro atual de "apropriação para fins privados do patrimônio natural somente poderá ser modificado se a Amazônia deixar de subordinar-se a uma agenda imposta via organismos multilaterais, em vigor nas práticas de desenvolvimento sustentável", afirma. "A região amazônica precisa compor uma agenda destinada a redefinir os rumos do desenvolvimento no país. Tanto as relações de cooperação com organismos multilaterais, quanto a inserção da região amazônica no mercado mundial, devem estar necessariamente referenciadas em uma busca de afirmação soberana do povo brasileiro na condução dos destinos da nação", afirma Elder Andrade.

(Des) Envolvimento Insustentável na Amazônia Ocidental pode ser encontrado em todas as livrarias de Rio Branco ou na Editora da Ufac, no campus universitário Áulio Gélvio Alves de Souza.

Livros e Idéias

PROFESSORA DOUTORA LUCIANA NASCIMENTO

DALMOLIN, GILBERTO FRANCISCO. O papel das escolas entre os povos indígenas: de instrumento de exclusão a recurso de emancipação sociocultural. Rio Branco: EDUFAC, 2004.

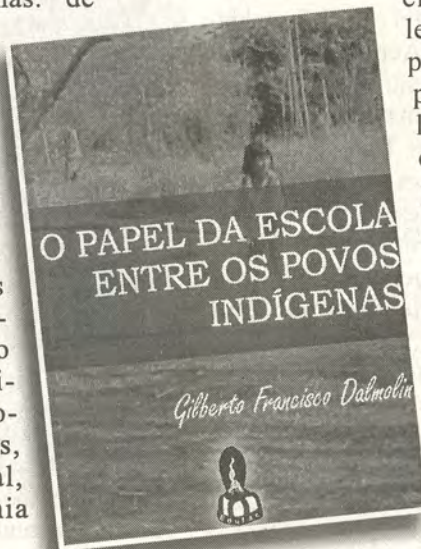


Num momento em que tanto se debate questões tais como, o desenvolvimento sustentável, a situação dos povos tradicionais da floresta etc, ler um trabalho como o livro do "O papel das escolas entre os povos indígenas: de instrumento de exclusão a recurso de emancipação sociocultural", de autoria do Prof. Dr. Gilberto Dalmolin, nos leva a uma profunda reflexão acerca da situação dos povos indígenas, em especial, na Amazônia Ocidental.

Traçando um percurso histórico sobre a Amazônia e a situação dos povos indígenas nessa região, o professor Dalmolin com grande paixão se debruça sobre o rico discursos histórico

produzido sobre essa imensa região verde e com grande mestria, envolve o leitor, inclusive aquele leitor não-especializado. A partir desta trilha, Dalmolin chega à implantação da escola como instrumento de imposição, resquício da relação de superioridade entre colonizador/colonizado, para, então, descortinar

ara o seu leitor, que no interior de tais embates, a escola, na atual política de educação indígena, tornou-se um dos meios de afirmação da cultura e da identidade indígenas, via alteridade.



ASSMAR, Olinda Batista. Uma leitura de O Lampião, de Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro: Publit, 2006.



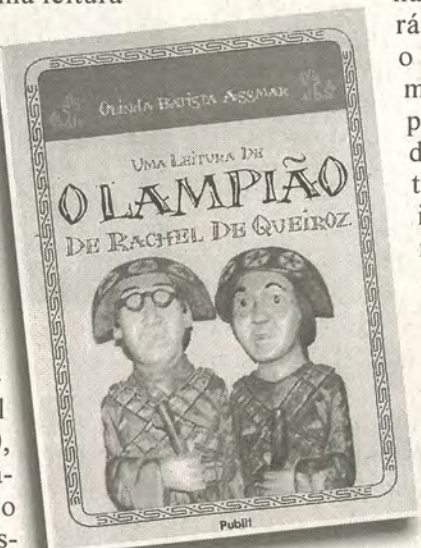
Amor, violência, mitos de uma espécie de herói brasileiro são aspectos relevantes que perpassam a obra de Rachel de Queiroz.

O livro "Uma leitura de 'O Lampião', de Rachel de Queiroz, de autoria da Profa. Dra. Olinda Assmar, não sem razão nos traz uma nota de nostalgia ao lembrarmos o final dos anos 70, quando vivíamos um tempo em que os estudos com base no Estruturalismo estavam em voga. O trabalho da Professora Olinda Assmar trata com singularidade a estrutura do texto, dando relevo à trama de relações que o tecem, seguindo um percurso de uma

análise baseada em Greimas, Propp e Lévis-Strauss.

Se o texto é composto por uma intrincada teia de signos tramados pela linguagem, a autora nos mostra que para além dessas estruturas que constituem o texto, há outros elementos que se destacam na trama literária – a vida e o amor de uma mulher, que a par de seu poder in verbis transforma instintos primitivos em sentimentos puros.

Sem dúvida, o quadro da violência exposto na obra de Rachel de Queiroz, ainda na década de 50 do século XX, nos diz muito do inflamado clima da violência de hoje, seja a violência urbana ou mesmo a violência pela palavra, o que se faz presente no panorama da nossa sociedade atual.



Rede amazônica de ensino

Proposta pretende viabilizar projetos de pesquisa envolvendo universidades da região Norte

JÉSSICA RAMOS

A pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação (Propeg) da Universidade Federal do Acre (Ufac), Margarida Lima, e representantes da Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa) reúnem-se em Manaus na primeira quinzena deste mês de outubro, visando meios de buscar financiamento para a implantação de uma rede amazônica de ensino de ciências e matemática.

Essa rede se iniciaria com a abertura de um doutorado regional, para atender todos os nove estados do Norte do Brasil. Nas primeiras turmas o perfil do pós-graduando será basicamente formado pelos docentes das universidades, para que eles possam se qualificar e apresentar uma proposta de mestrado institucional. Mestrado esse que irá atender a rede pública.

Uma das razões para a criação dessa rede é a integração entre pós-graduação, graduação e educação básica. Além disso, a Universidade vem ampliando suas ações na área de pós-graduação, possuindo já implantados dois Dinter, um

na área de Educação e outro em Saúde Pública; dois Inter, um em Saúde Pública e Direito Internacional, e já em fase de implantação o Minter de Cruzeiro do Sul na área de Letras, fora os quatro mestrados institucionais implantados na Universidade desde 2005.

Já acontecem reuniões internas entre os doutores da Universidade com a pró-reitoria para avaliar quais serão os projetos de pesquisa apresentados à Suframa, e quais necessidades serão levadas para a discussão. A Superintendência possui um recurso chamado CT- Amazônia que atende alguns estados da Amazônia, e é esse fundo que irá ser aplicado nos projetos de pós-graduação. Além da Ufac, a Universidade Federal de Roraima também irá participar desse encontro.

A proposta que será levada, basicamente, viabilizará alguns projetos de pesquisa, uns já em andamento e outros que foram elaborados, mas que não obtiveram financiamento para sair do papel. Os projetos são de pesquisa de ponta e irão impulsionar a pós-graduação na Ufac.

De acordo com a pró-reitora "hoje a Universidade pensa e faz pós-graduação, coisa que não fazia antes. Estamos encaminhando todo um traba-

lho para a pós-graduação, que é para qualificar melhor nossa pesquisa", afirmou.

Outros projetos – Também foi apresentada este ano à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) uma proposta institucional de um mestrado na área de saúde coletiva. O projeto não foi aprovado no primeiro momento, pois a equipe de avaliação viu necessidade de conhecer a região, ter mais informações sobre o programa para assim dar sua aprovação final. "Eles [a equipe de avaliação] estarão vindo todo o mês de setembro e quem sabe ao final do mês nós tenhamos essa boa notícia de que mais um programa de mestrado institucional tenha sido aprovado", completa a pró-reitora.

É importante também mencionar que, além de se fortalecer internamente, a Universidade tem feito parcerias no plano internacional. Existe uma proposta de criar um doutorado tri-nacional, envolvendo Brasil, Peru e Bolívia, a Ufac sendo a instituição brasileira envolvida. A Capes já possui conhecimento da proposta e no final de setembro acontecerão reuniões para acertar mais detalhes a respeito dessa iniciativa inovadora.



Margarida Lima, pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação da Ufac

O LATMus e o complexo regional de terceiro mundo

DR. DAMIAN KELLER

• Às vezes escuto nos corredores "isso só no primeiro mundo", "... só no Sudeste", "... só em São Paulo". Então eu pergunto, que há em São Paulo que não existe no Acre? Que pode ser feito numa universidade norte-americana que não pode ser feito na Ufac? A resposta sempre é "mas eles têm tecnologia e nós não". Pois é... Mas será que é assim mesmo?

Nos últimos anos os custos de implantação de laboratórios de tecnologia da informação (TI) têm caído drasticamente. A padronização do hardware permite o reaproveitamento de módulos e ferramentas desenvolvidos para os mais diversos fins. Desta forma, hoje podemos utilizar a mesma plataforma para trabalhar em áreas tão diferentes quanto a física, a linguística ou a música.

Paralelamente, a popularização do sistema operacional de código aberto (Linux) tem incentivado a implementação de inúmeras ferramentas livres tanto



Estudantes da Ufac iniciam-se na arte musical

para o uso acadêmico quanto para aplicações comerciais. Isto significa que um investimento inicial de vinte mil dólares (o preço de um computador quinze anos atrás) permite equipar um laboratório de TI, atendendo as necessidades básicas de pesquisa e de ensino.

É com esta filosofia que estamos estruturando o Laboratório de Arte e Tecnologia Musical (LATMus) da Ufac. O LATMus consiste num sistema de rede com dez terminais UTMA ligados a um servidor central. Cada terminal inclui uma placa

de áudio e uma conexão USB, possibilitando a utilização de instrumentos via protocolo MIDI. Para o trabalho em áudio são disponibilizados fones de ouvido. A manipulação de dados musicais - sequenciamento e edição de dados MIDI - é feita através de dois tipos de interface: teclados e superfícies de controle. Futuramente planejamos a aquisição de outras interfaces musicais, por exemplo, instrumentos de cordas, sopros e percussão com suporte MIDI, e controladores lógicos programáveis com entrada e saída para infravermelho, protocolo x10 e voltagem direta.

Na área de gravação, o projeto contempla a aquisição de três microfones de alta sensibilidade e configuração variável, uma mesa de som, e dois monitores de referência com resposta plana (caixas de som). O LATMus também visa atender as necessidades do Curso de Comunicação Social da Ufac, portanto serão adquiridas placas de captura de vídeo (com conexão via firewall).

Sendo que o sistema operacional de escolha é o Linux, todos os aplicativos instalados não acrescentam nenhum ônus ao orçamento. O pacote de distribuição é o Fedora e o software musical é compilado e mantido pelo administrador de sistemas do Center for Computer Research in Music and Acoustics (F. Lopez-Lezcano), daí o nome da distribuição: Planet CCRMA.

O LATMus é um espaço aberto para toda a comunidade acadêmica. A proposta é ter um ponto de encontro onde a ciência dialogue com a arte, e a arte sirva de porta de entrada para a alfabetização tecnológica. Não sabemos se os resultados vão ficar à altura das nossas expectativas, mas temos certeza de que conseguiremos as condições para um trabalho sério e de qualidade, sem nada a invejar às produções das grandes metrópolis. Aí vamos começar a ouvir. "isso só no primeiro mundo, ou no Acre".

* Professor do curso de Música da Ufac.



Capoeiristas fazem exibição no Anfiteatro Garibaldi Brasil, sob a orientação de professores do curso de Educação Física da Ufac, no encerramento de atividade de extensão

Assuntos Comunitários

Programa de Bolsas de Extensão foi ampliado em 2007, tanto em Rio Branco como em Cruzeiro do Sul

FRANCISCO DANDÃO

As atividades de extensão na Universidade Federal do Acre (Ufac) ganharam um poderoso reforço em meados de 2005, com a entrada em execução do Programa Institucional de Bolsas de Extensão (Pibex), onde os acadêmicos têm a oportunidade de concorrer a bolsas que possibilitam aos participantes desenvolverem ações voltadas para o público durante um ano.

O Programa Institucional de Bolsas de Extensão da Ufac – PIBEX – é mantido com recursos orçamentários da própria instituição, dispondo sobre a política de bolsas de extensão, mediante editais específicos, onde são estabelecidos critérios e diretrizes, com vistas à concessão do referido benefício aos alunos

dos cursos de graduação da universidade acreana.

O PIBEX é executado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, por intermédio da Coordenadoria de Extensão, tendo, entre outros objetivos precípuos, os de incentivar a participação de acadêmicos nas ações de extensão da Ufac e reafirmar a extensão universitária como processo acadêmico definido e efetivado em função das exigências da realidade.

A comunidade acadêmica participa desse programa através dos seus alunos de graduação, matriculados do segundo ao penúltimo período dos seus respectivos cursos, que estejam frequentando regularmente o semestre letivo no qual transcorre o projeto de extensão, além de professores ou técnicos administrativos da Ufac, na condição de orientadores ou colaboradores.

Os projetos concorrentes

são selecionados por um comitê de avaliação, constituído por docentes indicados pelas unidades acadêmicas, além do coordenador de extensão, assegurando a participação de um especialista em cada uma das áreas temáticas: comunicação, cultura, educação, direitos humanos e justiça, meio ambiente, saúde, tecnologia/produção e trabalho.

“No que se refere à seleção dos bolsistas”, explica o coordenador de extensão da Ufac, professor Jorge Washington de Souza, “os critérios estabelecidos constam de análise do rendimento acadêmico e do perfil sócio-econômico, priorizando alunos com melhor rendimento acadêmico, menor renda familiar e inserção qualificada no projeto”.

E o melhor é que, apenas um ano após a efetiva implantação do programa, o número de bolsas já saltou de 35, em 2006, para 50 em 2007 (40 em Rio Branco e 10 em Cruzeiro do Sul). “É importante salientar a relevância da participação efetiva dos docentes e discentes nessas atividades de extensão, na medida em que as mesmas constituem processo educativo que viabiliza de forma mais adequada o processo formativo”.

Pibex consolidado

Leia o que pensa o pró-reitor João Lima sobre o PIBEX.

“Eu vejo o PIBEX como um instrumento que estabelece a política de concessão de bolsas de extensão na Ufac, a medida em que o programa, criado por resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepex), tem edital, calendário e, sobretudo, critérios claros de definição para os projetos e candidatos a bolsas. O que evita que a pró-reitoria se transforme em balcão de troca de favores ou negócios”.

“O programa estimula a maior participação de professores na apresentação de projetos, com o envolvimento das unidades acadêmicas, por se tratar de ação institucional, uma vez que esses docentes têm essas ações como parte integrante da sua planilha de atividades. Isso contribui para a institucionalização da extensão,



João Lima, pró-reitor de Extensão e Cultura da Ufac

como importante atividade no processo de formação do estudante universitário”.

“Espero que em 2007/2008 esse programa se consolide, possibilitando maior inserção de docentes e discentes na execução de atividades que contribuam não apenas para a formação acadêmica, mas, sobretudo, viabilizar uma relação transformadora entre a universidade e a sociedade”.

Distribuição dos Projetos/Cursos PIBEX 2006/Áreas Temáticas

Total de Projetos=30

Total de Cursos=05

